

“Andai como Sábios” – Honrando o Relacionamento entre Senhores e Escravos (6:5–9)

A prática da escravidão era um fato aceito no mundo greco-romano. Numa sociedade em que a escravidão era um meio de vida, era de se esperar que alguns senhores de escravos se tornassem cristãos, e seus escravos não. Alguns escravos se tornaram cristãos, e seus senhores não. Em alguns casos tanto os senhores como os escravos se tornaram seguidores de Cristo. Não é motivo de surpresa o Novo Testamento apresentar instruções para senhores e escravos cristãos quanto à maneira como deveriam se comportar mutuamente nestas várias situações (veja 1 Coríntios 7:21, 22; Colossenses 3:22; 4:1; 1 Timóteo 6:1, 2; Tito 2:9, 10; 1 Pedro 2:18–25).

O Novo Testamento não aprovou nem reprovou a escravidão. Em vez de condenar este grande mal social, os escritores inspirados do primeiro século o regularizaram. Quando os princípios do evangelho fossem plenamente aplicados nas relações humanas (veja Mateus 7:12; 22:39), a escravidão seria automaticamente abolida. Até que isto acontecesse, os escritores do Novo Testamento não defenderam a escravidão nem incitaram uma revolta dos escravos. Eles simplesmente estabeleceram algumas diretrizes divinas.

Antes de examinarmos o texto de Efésios concernente a senhores e escravos, vejamos outros textos que tratam desse assunto. 1) Gálatas 3:28 estabelece que o acesso a Deus é o mesmo para senhores e escravos, o que indica que, na comunidade cristã, os escravos passaram a ocupar uma nova posição. Paulo disse que em Cristo não há “nem escravo nem liberto”. Esta declaração poderia levar os escravos a exigir emancipação porque “em um só Espírito, todos nós fomos batizados em um corpo... quer escravos, quer livres” (1 Coríntios 12:13). Quando Paulo disse aos gálatas:

“Para a liberdade foi que Cristo nos libertou... e não vos submetais, de novo, a jugo de escravidão” (Gálatas 5:1), os escravos poderiam pensar que estavam livres de seus senhores. Os senhores cristãos poderiam ter interpretado que a nova fé significava libertar seus escravos; de fato, alguns fizeram isto.

Baseando-se em 1 Coríntios 7, o estudante da Bíblia pode ampliar sua percepção do que estava acontecendo na comunidade cristã com respeito a senhores e escravos.

Cada um permaneça na vocação em que foi chamado.

Foste chamado, sendo escravo? Não te preocupes com isso; mas, se ainda podes tornar-te livre, aproveita a oportunidade. Porque o que foi chamado no Senhor, sendo escravo, é liberto do Senhor; semelhantemente, o que foi chamado, sendo livre, é escravo de Cristo (1 Coríntios 7:20–22).

Nesta passagem de 1 Coríntios, Paulo disse que todos os cristãos – incluindo escravos – deveriam se contentar com sua posição na vida (v. 20). Escravos não deveriam se preocupar em serem escravos, pois eram livres em Cristo (vv. 21, 22). Alguns escravos foram libertos por seus senhores, e deveriam usar essa liberdade para o bem. Em toda situação, fossem escravos ou libertos, os escravos eram livres em Cristo e, juntamente com os senhores cristãos, eram escravos de Cristo.

Quando o senhor e o escravo se tornavam cristãos, surgiam problemas peculiares a essa situação. Esses problemas foram tratados na carta de Paulo a Filemom. Parece que Filemom era um rico dono de escravo, que morava em Colossos, e seu escravo Onésimo havia roubado alguns de seus pertences e fugido para Roma. Em Roma,

Onésimo teve contato com Paulo, confinado em prisão domiciliar, e tornou-se cristão. O dilema era o que fazer com Onésimo. Parecia que Onésimo deveria ser mandado para casa, onde ficaria a mercê de Filemom. Embora Filemom fosse cristão, enviar um escravo fugitivo e ladrão de volta para seu senhor era extremamente arriscado. Como um dono de escravo cristão reagiria a um escravo fugitivo e ladrão que agora era seu irmão na fé? A carta a Filemom responde essa pergunta.

Na carta a Filemom, vemos a psicologia de Paulo ao lidar com seu amigo. Mais do que isto, temos um bom esclarecimento de como deveria ser o relacionamento entre um senhor cristão e um escravo cristão. Embora não saibamos o desfecho da história, queremos crer que Filemom fez mais do que Paulo pediu e que Onésimo foi, de fato, perdoado e liberto.

Em Colossenses 3:11 Paulo indicou que não havia diferença de posição social entre um homem livre e um escravo, desde que ambos estivessem em Cristo. O apóstolo também mostrou que os respectivos papéis dentro de uma residência deveriam ser honrados. Disse ele: “Servos, obedecerei em tudo ao vosso senhor segundo a carne, não servindo apenas sob vigilância, visando tão-somente agradar homens, mas em singeleza de coração, temendo ao Senhor” (Colossenses 3:22). E depois Paulo disse aos senhores: “Senhores, tratai os servos com justiça e com equidade, certos de que também vós tendes Senhor no céu” (Colossenses 4:1).

OS SERVOS DEVEM SER OBEDIENTES (6:5–8)

⁵Quanto a vós outros, servos, obedecerei a vosso senhor segundo a carne com temor e tremor, na sinceridade do vosso coração, como a Cristo, ⁶não servindo à vista, como para agradar a homens, mas como servos de Cristo, fazendo, de coração, a vontade de Deus; ⁷servindo de boa vontade, como ao Senhor e não como a homens, ⁸certos de que cada um, se fizer alguma coisa boa, receberá isso outra vez do Senhor, quer seja servo, quer livre.

O pano de fundo histórico anterior e o ensino bíblico relativo aos senhores e servos são úteis à interpretação desta seção de Efésios. Paulo ainda estava tratando do andar como sábios, quando aplicou este andar aos senhores e servos cristãos. Ele continuou: “Quanto a vós outros, servos, obedecerei a vosso senhor segundo a carne com temor

e tremor, na sinceridade do vosso coração, como a Cristo” (v. 5).

Tanto os senhores como os servos possuem um Senhor em comum, e esse Senhor é Cristo (vv. 6, 9). Todavia, nos deveres domésticos, servos ou escravos devem obedecer aos senhores “segundo a carne”, ou seja, seus senhores terrenos em contraste com o “Senhor... nos céus” (v. 9). O verbo “obedecer” em grego é uma palavra composta ὑπακούω (*hupakouo*), de ὑπο (*hupo*, “sob”) e ἀκούω (*akouo*, “ouvir”). Na maioria das vezes, o termo significa “obedecer, prestar atenção, seguir, concordar”¹. “Obedecei” traduz uma forma verbal que sugere ação contínua, sendo assim os servos deveriam obedecer a seus senhores continuamente, “com temor e tremor”. Frases semelhantes foram usadas com respeito a Paulo (1 Coríntios 2:3), aos coríntios (2 Coríntios 7:15) e aos filipenses (Filipenses 2:12).

“Temor” é uma tradução de φόβου (*fobou*) e significa literalmente “terror”². Esta palavra identifica o tipo de respeito que as esposas devem ter para com os maridos (5:33; 1 Pedro 3:2) e os cidadãos, para com o estado (Romanos 13:7). Neste contexto significa “reverência”³ ou “respeito”. O respeito com que os servos tratam seus senhores deveria vir acompanhado de “tremor”, uma tradução de τρόμου (*tromou*), que carrega a ideia de “estremecer, tremer de medo”⁴. Não devemos amenizar o sentido de “tremer” aqui. Os servos deveriam prestar obediência aos seus senhores motivados por um temor, ou, como expôs S. D. F. Salmond, um “zelo solícito no cumprimento do dever”, um “cuidado desejoso de não errar”⁵.

“Na sinceridade do vosso coração” descreve o motivo puro que induziu à obediência. “Sinceridade” (ἀπλότητι, *haploteti*) contém a ideia de “pureza” ou “fidelidade” de coração⁶. O “coração” é

¹Spiros Zodhiates, ed., *The Complete Word Study New Testament*, 2a. ed. Chattanooga, Tenn.: AMG Publishers, 1991, p. 963.

²Ibid., p. 965.

³Ibid.

⁴Ethelbert W. Bullinger, *A Critical Lexicon and Concordance to the English and Greek New Testament*. Londres: Samuel Bagster and Sons, s.d.; reimpressão, Grand Rapids, Mich.: Zondervan Publishing House, Regency Reference Library, 1975, p. 819.

⁵S. D. F. Salmond, “The Epistle to the Ephesians” em *The Expositor's Greek Testament*, vol. 3, ed. W. Robertson Nicoll. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1967, pp. 378–79.

⁶Zodhiates, p. 889.

o centro da personalidade do indivíduo que gera pensamentos, atitudes e ações. Como a fonte da obediência do escravo ao seu senhor, o “coração” deveria ser puro e cheio de integridade. Os escravos teriam esse tipo de coração quando reconhecessem que o serviço prestado aos senhores era obediência “a Cristo”. Os cristãos não estavam isentos das responsabilidades diárias. Honravam o Senhorio de Cristo quando executavam seus deveres terrenos.

Os servos ou escravos deveriam servir bem, estivessem ou não sendo observados por seus senhores. Paulo escreveu: “Não servindo à vista, como para agradar a homens, mas como servos de Cristo, fazendo, de coração, a vontade de Deus” (v. 6). Não deveriam só tentar agradar seus senhores, mas também a Deus, o verdadeiro Senhor, que vê o que é feito secretamente tanto quanto o que é feito publicamente. Não deveriam agradar a homens, mas a Deus. Servindo seus senhores fielmente, os escravos estariam fazendo “a vontade de Deus”; e, tendo pureza em suas intenções, estariam servindo “de coração”, ou seja, “com todo o coração”.

Paulo também discorreu acerca do coração do servo nos versículos 7 e 8: “Servindo de boa vontade, como ao Senhor e não como a homens, certos de que cada um, se fizer alguma coisa boa, receberá isso outra vez do Senhor, quer seja servo, quer livre”. “Boa vontade” traduz *εὐνοίας* (*eunoias*) e significa “entusiasmo, zelo”⁷. Os escravos tinham que obedecer seus senhores positivamente, com “temor e tremor”, e “na sinceridade do coração [deles]”. Também deveriam obedecer negativamente – “não servindo à vista” (ou seja, não “somente quando está sob a observação do senhor”), mas com entusiasmo, “com a disposição de quem faz o bem”⁸. Os escravos deveriam obedecer com zelo, reconhecendo que seu serviço era, na realidade, “para o Senhor”. Paulo também queria que os escravos entendessem “cada um, se fizesse alguma coisa boa, receberia isso outra vez do Senhor”.

Os escravos que serviam seus senhores deste modo, sem dúvida, receberiam melhor tratamento de seus senhores e melhorariam seu padrão de vida. Independentemente de serem reconhecidos

por seus senhores, eles podiam ter certeza de que o Senhor, que tudo vê, recompensaria cada um pela obediência. O escritor de Hebreus disse: “Porque Deus não é injusto para ficar esquecido do vosso trabalho” (Hebreus 6:10). Deus geralmente recompensa a obediência nesta vida. No sermão do monte, Jesus sinalizou que algumas recompensas podem ser recebidas agora por fazermos o que é certo (veja Mateus 6:4, 6, 18), enquanto outras estão reservadas para a próxima vida. O “galardão” celestial do cristão é mencionado em Mateus 5:12, 46 e 1 Coríntios 3:8, 14.

Em 2 Coríntios 5:10 o apóstolo disse: “Porque importa que todos nós compareçamos perante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o bem ou o mal que tiver feito por meio do corpo”. Os escravos que obedeciam a seus senhores seriam recompensados ou galardoados por Deus por esse serviço nesta vida no julgamento final. Todos os salvos são completamente salvos pela graça de Deus. Todavia, o cristão será também recompensado no julgamento “segundo o que tiver feito”.

“Quer fosse servo, quer livre” mostra a imparcialidade de Deus ao tratar as pessoas (veja Atos 10:34). A posição de escravos e senhores era mantida nas casas, mas no juízo final essas diferenças sociais seriam ignoradas. Em última análise, aqueles que estão em Cristo são iguais (Gálatas 3:27, 28).

OS SENHORES DEVEM PRATICAR A BOA VONTADE (6:9)

⁹E vós, senhores, de igual modo procedei para com eles, deixando as ameaças, sabendo que o Senhor, tanto deles como vosso, está nos céus e que para com Ele não há aceção de pessoas.

Concluindo suas instruções sobre o relacionamento entre escravos e senhores, Paulo falou da responsabilidade dos senhores: “E vós, senhores, de igual modo procedei para com eles, deixando as ameaças, sabendo que o Senhor, tanto deles como vosso, está nos céus e que para com ele não há aceção de pessoas” (v. 9). A conjunção “e” (*kai*) introduzindo esta instrução vincula o senhor e sua responsabilidade com o escravo e sua responsabilidade. “De igual modo procedei” refere-se ao fato de que tanto os escravos como os senhores precisavam reconhecer que serviam

⁷Andrew T. Lincoln, *Ephesians*, Word Biblical Commentary, vol. 42, ed. David A. Hubbard e Glenn W. Barker. Dallas: Word Books, 1990, p. 422.

⁸Salmond, pp. 378–79.

o mesmo Senhor dos senhores, o Senhor Jesus Cristo. Se os senhores entendessem que, assim como seus escravos, eles eram servos de Cristo e prestariam contas a Ele, mostrariam mais cuidado no trato com os escravos. Os senhores foram instruídos a “deixar as ameaças”. Se os senhores tivessem para com os escravos a mesma boa vontade que os escravos deveriam ter para com eles, ambos seriam beneficiados. Primeiramente, os senhores reconheceriam que tinham um Senhor a quem prestariam contas. Em segundo lugar, as relações seriam mais agradáveis. Em terceiro lugar, os escravos seriam estimulados a servir com um entusiasmo obediente.

“Para com Ele não há acepção de pessoas” enfatiza a igualdade de todas as pessoas perante Deus. “Acepção” traduz o substantivo grego *προσωποληψία* (*prosopolempsia*) e advém de uma expressão hebraica que significa “mostrar parcialidade, julgar puramente o valor declarado ou com base em fatores externos”⁹. Os senhores tinham a tendência de se sentir superiores aos escravos. Embora a superioridade continuasse a ser reconhecida nas regras domésticas, os senhores foram lembrados de que, na ótica divina, todos eram iguais. Sendo assim, cabia aos senhores entender que deveriam tratar seus escravos como conservos do supremo Senhor, Jesus Cristo. Cumprindo esta responsabilidade, os senhores estariam andando como sábios.

PREGANDO SOBRE EFÉSIOS

ESCRAVOS E SENHORES (6:5–9)

A escravidão não era vista como um mal social no primeiro século. As Escrituras não condenam a escravidão, não convocam os senhores a libertarem seus escravos, nem incentivam os escravos a se revoltarem. Todavia, a Palavra de Deus introduziu princípios que, devidamente entendidos e aplicados, aboliriam a escravidão (veja Mateus 7:12; 22:39). Entrementes, as Escrituras regulamentam a escravidão. Esta seção de Efésios dita as regras das ações dos escravos e dos donos de

escravos cristãos. Os escravos foram incentivados a obedecer a seus senhores com temor e tremor. Deveriam cooperar com corações sinceros e boa vontade, não meramente da boca para fora. Em vez de agradarem a homens, deveriam reconhecer que estavam servindo a Cristo e cumprindo a vontade de Deus ao servir bem seus senhores. Deus os recompensaria pelo serviço fiel.

Ao mesmo tempo, os senhores foram ensinados a não abusar dos escravos nem ameaçá-los, admitindo que eles próprios também tinham um Senhor nos céus. Deveriam se lembrar de que não há diferença entre senhor e escravo aos olhos de Deus, o qual não faz acepção de pessoas.

Os princípios envolvidos na relação senhor/escravo certamente se aplicam aos empregadores e empregados da nossa cultura. Se os colaboradores viverem hoje segundo os ensinamentos deste texto, o local de trabalho terá como característica a honestidade, a integridade e a justiça. Quando os dois lados se colocam cada um no lugar do outro, o resultado é um ambiente de trabalho mais agradável e tarefas mais bem executadas.

Jay Lockhart

MANDAMENTOS PARA AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS

<i>Os Destinatários</i>	<i>Instruções e Explicações</i>		
Todos os Cristãos (uns aos outros)	Efésios 5:21		
Esposas	Cl 3:18	Ef 5:23, 24; veja Tt 2:5	1 Pe 3:1; veja 3:2–6
Maridos	Cl 3:19	Ef 5:25; veja 5:26–33	1 Pe 3:7
Filhos	Cl 3:20	Ef 6:1–3	
Pais	Cl 3:21	Ef 6:4	
Escravos	Cl 3:22; veja 3:23–25	Ef 6:5; veja 6:6–8	1 Pe 2:18; veja 2:19, 20; Tt 2:9
Senhores	Cl 4:1	Ef 6:9	
Todos os cristãos (as instituições humanas)			1 Pe 2:13; veja Rm 13:1; Tt 3:1

⁹Lincoln, pp. 423–24.

Enchendo-se do Espírito no Trabalho

(6:5–9)

Três dos quatro versículos dedicados à relação senhor/escravo destinam-se aos escravos. Não há surpresa nisto, pois muitos cristãos primitivos vinham do estrato mais baixo da sociedade (veja 1 Coríntios 1:26). Alguns desses mesmos princípios se aplicam aos trabalhadores de hoje em seus empregos.

ADAPTANDO A INSTRUÇÃO DIVINA AOS EMPREGADOS

Quanto a vós outros, servos, obedecei a vosso senhor segundo a carne com temor e tremor, na sinceridade do vosso coração, como a Cristo, não servindo à vista, como para agradar a homens, mas como servos de Cristo, fazendo, de coração, a vontade de Deus (6:5, 6).

Paulo declarou que os escravos precisavam ser obedientes. Um princípio semelhante se aplica ao empregado. Um empregado deve ser respeitoso em tudo – não apenas quando o supervisor está monitorando sua atividade. Ele deve tentar agradar o empregador, mas sua principal preocupação é agradar a Deus. Afinal, o empregado cristão é um representante de Deus no escritório, no departamento ou no local de trabalho.

O apóstolo não condicionou a obediência, dizendo: “Obedeça ao seu senhor se as instruções dele fizerem sentido”. Ele não disse: “Obedeça ao seu senhor se você gostar da tarefa que ele lhe deu” ou “Obedeça ao seu senhor se as diretrizes dele fizerem sentido para você”. O que ele disse foi que o cristão deve trabalhar com respeito, honra e sinceridade.

Quando um trabalhador é antiooperativo ou desrespeitoso com seu empregador ou superior, ele está se rebelando contra o princípio básico de Deus de autoridade e submissão, o qual Ele mesmo estabeleceu no Seu universo. Deus quer que esse princípio seja seguido na relação empregado/empregador.

A desobediência não só destrói o princípio divino de autoridade/submissão, como também prejudica o testemunho cristão. A única maneira eficaz de abrir a porta para o evangelismo no ambiente profissional é trabalhar de um modo que

exiba os padrões diferenciados do cristianismo e os valores de um bom empregado.

Devemos perguntar a nós mesmos: “Meu desempenho profissional dá credibilidade ao meu testemunho se eu tentar falar da minha fé com meu chefe ou com meus colegas?”

Uma Atitude Solícita para com o Empregador

Quanto a vós outros, servos, obedecei a vosso senhor... como a Cristo... servindo de boa vontade, como ao Senhor e não como a homens (6:5–7).

A instrução paralela de Paulo aos cristãos de Colossos diz: “Tudo quanto fizerdes, fazei-o de todo o coração, como para o Senhor e não para homens” (Colossenses 3:23). O trabalhador cristão deve fazer suas tarefas como se Jesus fosse seu supervisor terreno. Enquanto desempenhamos nossas funções, deveríamos pensar: “Vou digitar esta carta como se Jesus fosse assiná-la”; “Vou construir esta casa como se Jesus fosse morar nela”; “Vou consertar esta peça como se Jesus fosse usá-la”. Se estivéssemos trabalhando literalmente para Jesus, sem dúvida, estaríamos prontos e dispostos a obedecer sem reclamar nem demorar. É assim que, segundo Paulo, devemos interagir com os nossos empregadores terrenos.

Se um empregado cristão não pode trabalhar com uma atitude solícita, ele precisa fazer uma escolha: mudar de emprego ou mudar de atitude. Se, no primeiro século, os escravos podiam servir seus senhores como se estivessem servindo o Senhor Jesus, podemos trabalhar assim também! Cada um de nós deve avaliar como pode agir diferentemente amanhã para demonstrar melhor o Espírito que habita em nós enquanto trabalhamos.

Uma Razão para Dar o Melhor de Si ao Empregador

As Escrituras apresentam duas razões para o empregado cheio do Espírito prestar um bom trabalho e ter uma atitude exemplar. Uma razão é positiva, a outra é negativa. A razão positiva aparece no versículo 8: “Certos de que cada um, se fizer alguma coisa boa, receberá isso outra vez do

Senhor, quer seja servo, quer livre”.

Já comentamos que os escravos eram tratados como propriedade nos dias de Paulo, independentemente do grau de instrução que tivessem. A realidade era que um escravo culto e instruído que se tornava cristão poderia receber um tratamento ainda mais rígido por causa de sua nova fé. Paulo incentivou esses escravos a não desistirem de dar o melhor de si, pois estava próximo o dia em que o Senhor recompensaria cada um deles pelo serviço fiel.

Nem sempre o empregado recebe o que merece nesta vida. Ele pode ser mal remunerado e trabalhar excessivamente. Todavia, virá o dia em que o Senhor equilibrará as balanças. O pagamento recebido pelo trabalho não compõe todo o salário do cristão. Um dia, Jesus dará aos Seus fieis a “recompensa da herança” (Colossenses 3:24). Realmente, estamos servindo a Jesus quando labutamos em nossos empregos. Não importa onde ou para quem trabalhemos, Jesus é o verdadeiro Senhor. Qualquer que seja a injustiça que sofremos no dia-a-dia, isso não deve controlar o nosso comportamento. Se trabalharmos com todo o coração, o Senhor providenciará no devido tempo que sejamos plenamente recompensados.

A razão negativa para este tipo de serviço encontra-se em Colossenses 3:24 e 25:

A Cristo, o Senhor, é que estais servindo; pois aquele que faz injustiça receberá em troca a injustiça feita; e nisto não há aceção de pessoas.

O cristão jamais deve cometer injustiça no emprego. Não há desculpa para isto! Ele não pode culpar outros por seus erros. Deus vê tudo e retribuirá as injustiças.

Incidentalmente, o privilégio de trabalhar para um empregador que é cristão não significa que podemos agir com menor esforço ou menos produtividade. Pelo contrário, ele deve receber o melhor no que se refere a trabalho e respeito.

ADAPTANDO AS INSTRUÇÕES DE DEUS AO EMPREGADOR

E vós, senhores, de igual modo procedei para com eles, deixando as ameaças, sabendo que o Senhor, tanto deles como vosso, está nos céus e que para com ele não há aceção de pessoas (6:9).

Como deve ter sido difícil para os donos de

escravos do primeiro século colocar estas palavras em prática! Recordemos que, no Império Romano, um senhor tinha controle absoluto sobre seus escravos, inclusive o poder sobre suas vidas. Aqui, Paulo instruiu seus leitores que um senhor cheio do Espírito deveria ser diferente. Ele deveria tratar seus escravos com justiça, integridade e imparcialidade.

A Regra de Ouro para com o Empregado

Qual é o princípio aqui ensinado? É nada menos que “a Regra de Ouro” de Mateus 7:12. Os empregadores devem tratar seus empregados exatamente como queriam ser tratados, se os papéis fossem invertidos.

O gerente cristão tem uma grande responsabilidade pelos que trabalham para ele. Ele deve buscar o bem-estar dos empregados, pois Paulo disse: “de igual modo procedei para com eles”. Se o empregador espera que seus empregados deem o máximo para ele, então ele precisa dar o melhor de si por eles.

A Atitude Correta para com o Empregado

Os empregados não podem sofrer abusos verbais, pois Paulo instruiu os senhores a “deixarem as ameaças”. Ameaçar não motiva nenhum trabalhador. Jesus jamais tratou assim Seus seguidores.

Um empregador eficiente vai se lembrar de que ele tem o mesmo Senhor nos céus que o empregado. Ele comparecerá um dia em juízo perante o mesmo Deus. Se Deus não vai mostrar favoritismo pelos empregados que são cristãos, mas não dão o melhor de si, tampouco vai fechar os olhos para os empregadores que não se dispõem a governar seguindo os princípios divinos.

CONCLUSÃO

Não pregamos um “evangelho social”, e sim um evangelho que tem implicações sociais. Se nossas vidas forem entregues a Deus e ao controle do Seu Espírito, a maneira como realizamos o nosso trabalho será bem diferente. O cristianismo não é apenas para o culto de adoração; ele também é para o ambiente de trabalho! Se permitirmos que os efeitos do Espírito Santo sejam vistos em nossas vidas através do nosso trabalho, nossos colegas não terão dificuldade para aceitar o nosso testemunho sobre o Deus que adoramos!

Chris Bullard